



Apostolado do Oratório

Meditação dos Primeiros Sábados

Setembro 2025

3º Mistério Doloroso

***Coroação de Espinhos de Nosso Senhor Jesus Cristo
Pela paciência encontramos a paz***

Introdução

Meditaremos hoje o 3º Mistério Doloroso do Rosário -- A *Coroação de Espinhos de Nosso Senhor Jesus Cristo* --, em cumprimento de nossa devoção da Comunhão Reparadora do Primeiro Sábado, pedida por Nossa Senhora em Fátima, tendo em vista a Festa da Exaltação da Santa Cruz e Nossa Senhora das Dores neste mês de setembro. Consideremos neste piedoso exercício o amor infinito de Cristo ao se imolar por nossa salvação. Para nos redimir, Ele aceitou todos os sofrimentos e humilhações. A nós cabe retribuir este imenso amor, aceitando com confiança as dores que a Providência permite em nossa caminhada rumo ao Céu.

Composição de Lugar

Contemplemos com os olhos da imaginação um pátio interno do pretório de Pilatos, onde Jesus esteve acorrentado a uma coluna, sendo nela cruelmente flagelado. A coluna e as pedras do chão estão manchadas do sangue redentor de Cristo. A um canto, vemos Jesus, o corpo em chagas, sentado num banco de madeira, com um manto vermelho sobre seus ombros e uma coroa de espinhos enfiada em sua cabeça. Ao seu redor, soldados romanos zombam d'Ele, batendo e cuspidando em sua adorável face. O Divino Salvador recebe todas aquelas ofensas sem pronunciar palavra, aceitando tudo por amor a nós e pela nossa redenção.

Oração Preparatória

Ó Mãe Santíssima de Fátima, alcançai-nos de vosso divino Filho, nosso adorável Redentor, as graças e as boas disposições de espírito para meditarmos convenientemente este doloroso Mistério da Coroação de Espinhos. Que, por vossa maternal intercessão e pela infinita bondade de Cristo, saibamos aproveitar as lições de amor à cruz e ao sofrimento que Ele nos deixou neste passo de sua Paixão, unindo-os ainda mais a Ele e a Vós, em nossa busca pela eterna salvação. Amém.

Evangelho de São João (19, 2-5): Os soldados teceram de espinhos uma coroa e puseram-lha sobre a cabeça e cobriram-no com um manto de púrpura. Aproximavam-se dele e diziam: “Salve, rei dos judeus!”. E davam-lhe bofetadas. Pilatos saiu outra vez e disse-lhes: “Eis que vo-lo trago fora, para que saibais que não acho nele nenhum motivo de acusação”. Apareceu então Jesus, trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. Pilatos disse: “Eis o homem

I – O REI DOS CÉUS COROADO DE ESPINHOS

Depois que os algozes se fartaram de açoitar Jesus durante a Flagelação, desamarraram-No da coluna, jogaram sobre seus ombros ensanguentados um manto vermelho, colocaram em sua cabeça uma coroa feita por longos espinhos entrelaçados, cujas pontas O feriam cruelmente. Com risos de escárnio, prostravam-se aos seus pés, zombando de suas pretensões reais e dando-Lhe bofetadas no rosto. A realeza do Cristo, Rei do Céu e da terra, transformava-se em motivo de deboche, mas através daquele abismo de humilhações, a coroação de espinhos deixava antever o triunfo de Cristo-Rei.

1. A coroa de espinhos nos obteve uma coroa de glória no Céu

Segundo Santo Afonso de Ligório, este tormento de espinhos foi excessivamente doloroso, porque traspassaram toda a sagrada cabeça do Senhor, parte sensibilíssima, já que da cabeça partem todos os nervos e sensações do corpo. Além disso, foi o tormento mais prolongado da paixão, pois Jesus suportou até à morte esses espinhos, tendo-os enterrados em sua cabeça. Sempre que lhe tocavam nos espinhos ou na cabeça, se renovavam todas as dores. Conforme muitos escritos, baseados em revelações privadas, a coroa foi entrelaçada de vários ramos de espinhos em forma de capacete ou chapéu, de modo que envolvia toda a cabeça e descia até ao meio da testa de Jesus. Tão grande era a abundância de sangue que corria nas feridas da sagrada cabeça que não se via em seu rosto senão sangue.

Ó amor divino, exclama Santo Afonso, quisestes ser coroado de espinhos, para obter-nos uma coroa de glória no Céu. Em meio a tanto escárnio e humilhação, o gesto de Jesus é de abraçar o sofrimento. Sabemos bem que Ele jamais reclamou, mas aceitou o sofrimento que não Lhe cabia, com o intuito de abrir para nós o caminho da Salvação.

Meu dulcíssimo Salvador, espero ser vossa coroa no paraíso, salvando-me pelos merecimentos de vossas dores.

2. Nossas culpas teceram aqueles espinhos

Ah, espinhos cruéis, ingratas criaturas, por que atormentais de tal maneira o vosso Criador?, pergunta Santo Agostinho. Mas, responde o santo, de nada adianta acusar os espinhos, pois eles foram instrumentos inocentes na Paixão do Senhor.

Nossos pecados, nossos maus pensamentos foram os verdadeiros espinhos cruéis que atravessaram a cabeça de Jesus Cristo. Aparecendo um dia Jesus a Santa Teresa, coroado de espinhos, a santa pôs-se a pranteá-lo. Disse-lhe, porém, o Senhor: “Teresa, não te deves compadecer das feridas que me fizeram os espinhos; tem pena antes pelas chagas que me fazem os pecados dos cristãos.”

Ou seja, são meus pecados atuais, minhas faltas repetidas, meus maus pensamentos e maus desejos que atormentaram a venerável cabeça de nosso Redentor. Possa eu agora abrir os olhos da alma e ver quanta dor causei ao meu Salvador; que eu possa agora me arrepende profundamente de minhas faltas e aliviar as dores que o Cordeiro de Deus sentiu por mim neste Mistério.

II - “EIS O HOMEM”

Pilatos, vendo o Redentor reduzido a um estado tão digno de toda a compaixão, pensou que os judeus se comoveriam ao vê-Lo e, por isso, conduziu-o a uma varanda, levantou o manto vermelho e, mostrando ao povo o corpo de Jesus coberto de chagas e dilacerado, disse-lhe: “Eis aqui o homem” (Jo 19,4). Como se quisesse dizer: “Eis o homem que acusastes perante mim como se pretendesse fazer-se rei; eu, para vos agradar, condenei-o aos flagelos, ainda que inocente. Ei-lo reduzido a tal estado que parece um homem esfolado ao qual restam poucos instantes de vida. Se, apesar de tudo, pretendeis que eu o condene à morte, afirmo-vos que não posso fazê-lo, porque não encontro motivo para o condenar.”

1. O maior de todos os reis, desprezado por suas criaturas

Mas os judeus, à vista de Jesus assim maltratado, mais se enfurecem: “Ao verem-no, os pontífices e ministros clamavam, dizendo: ‘Crucifica-o, crucifica-o’. Vendo Pilatos que não se acalmavam, lavou as mãos à vista do povo, dizendo: ‘Sou inocente do sangue deste justo. Fazei o que quiserdes’. E eles responderam: ‘Seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos’”.

Digamos com Santo Afonso: “Ó meu amado Salvador, Vós sois o maior de todos os reis, mas agora eu Vos vejo como o homem mais desprezado, dentre todos: se esse povo ingrato não Vos conhece, eu Vos conheço e Vos adoro por meu verdadeiro rei e Senhor. Agradeço-Vos, ó meu Redentor, por tantos ultrajes por mim recebidos e suplico-Vos me deis amor aos desprezos e aos sofrimentos, já que Vós os abraçastes com tanto afeto. Envergonho-me de haver no passado amado tanto as honras e os prazeres, chegando por sua causa a renunciar tantas vezes à vossa graça e ao vosso amor; arrependo-me disso mais que de todas as coisas. Abraço, Senhor, todas as dores que vossas mãos me enviarem; dai-me aquela resignação de que necessito. Amo-vos, meu Jesus.”

2. Que o sangue de Cristo nos purifique de nossos pecados

Assim como Pilatos daquela varanda mostrou Jesus ao povo, do mesmo modo e ao mesmo tempo o Eterno Pai nos apresentava do alto do céu o seu Filho dileto, dizendo-nos igualmente: *Eis o Homem*. Eis aqui esse homem que é meu Filho muito amado, no qual pus todas as minhas complacências. Eis aqui o homem, vosso Salvador, por mim prometido e por vós há tanto desejado. Eis aqui o homem, o mais nobre dentre todos os homens, tornado o homem das dores. Ei-lo, vede a que estado de compaixão o reduziu o amor que vos consagra, e amai-O ao menos por isso.

Como os judeus, peçamos que o sangue do Redentor desça sobre nós; não, porém, para nos condenar, mas para nos purificar de nossos pecados, para lavar nossas almas tão culpadas pelos desgostos e ingratidões que fizeram sofrer nosso adorável Salvador, para nos obter a graça regeneradora e santificante que nos alcança o Céu.

III - O PAPEL DO SOFRIMENTO EM NOSSA VIDA

Ao suportar todas as dores da Coroação de Espinhos e da sua Paixão, Nosso Senhor também nos ensinou a aceitar o sofrimento, que nos torna ainda mais semelhantes a Ele. Contudo, falar de sofrimento é tratar de uma coisa que os amantes do mundo não praticam e nem sequer entendem, afirma Santo Afonso de Ligório. Somente o compreendem e o aceitam as almas que verdadeiramente amam a Deus, pois estas sabem que não se pode dar uma prova mais segura de amor ao Criador do que padecendo para dar-Lhe gosto.

1. A maior prova do amor de Cristo por nós

Aceitar o sofrimento e a dor foi, por sua vez, a maior prova que Jesus Cristo nos deu do amor que nos tinha. Ele como Deus nos amou ao criar-nos, enriquecendo-nos com tantos bens, chamando-nos a gozar da mesma glória que Ele goza, mas em nenhum outro ponto nos mostrou melhor quanto nos ama do que fazendo-se homem e abraçando uma vida penosa e uma morte cheia de dores e ignomínias por nosso amor. E nós, como demonstraremos nosso amor por Jesus Cristo? Talvez levando uma vida cheia de prazeres e delícias terrenas? Não pensemos que Deus se compraz em nosso sofrimento: Ele não é um senhor de índole cruel que se satisfaz vendo gemer e sofrer suas criaturas; pelo contrário, é um Deus de bondade infinita, todo inclinado a ver-nos plenamente contentes e felizes, todo repleto de doçura, afabilidade e compaixão para com os que a Ele recorrem.

2. Pela paciência devemos expiar nossas culpas

A condição, porém, de nosso infeliz estado atual de pecadores e a gratidão que devemos ao amor de Jesus Cristo, exigem que nós, por seu amor, renunciemos aos deleites deste mundo e abracemos com ternura a cruz que Ele nos destina a levar após si

nesta vida, indo Ele à frente com uma cruz mais pesada que a nossa e isso para nos levar a gozar, depois da nossa morte, de uma vida feliz que não terá fim.

Deus, pois, não se apraz em ver-nos sofrer; sendo, porém, a justiça infinita, não pode deixar impunes as nossas culpas. Por isso, para que essas culpas sejam punidas e não percamos um dia a felicidade eterna, Ele quer que, pela paciência, expiemos as culpas e assim mereçamos a felicidade eterna. Não poderia ser mais bela e suave essa determinação da divina Providência, que satisfaz ao mesmo tempo a sua justiça e nos faz salvos e felizes.

Devemos, por conseguinte, por toda a nossa esperança nos merecimentos de Jesus Cristo e, pela misericordiosa intercessão de Maria Santíssima, d'Ele esperar todos os auxílios para viver santamente e nos salvar. Certos de que o socorro divino nunca nos abandonará, façamos a nossa parte, purificando-nos de nossas faltas e aceitando com humildade e resignação a cruz que Nosso Senhor nos pede que carreguemos em nossa vida.

3. A cruz nos espera em toda parte

Escreve Tomás de Kempis: “A cruz te espera por toda parte e por isso é preciso que tenhas paciência em toda parte, se quiseres viver em paz. Se carregares a cruz com boa vontade, ela te levará ao fim desejado, que neste mundo é agradar a Deus e, no outro, amá-Lo eternamente”. Cada qual neste mundo procura a paz e desejaria encontrá-la sem sofrimento; isso, porém, é impossível no estado presente, pois as cruces nos esperam em todo lugar em que nos acharmos.

Como, pois, encontrar a paz no meio dessas dores? Pela paciência, abraçando a cruz que se nos apresenta. Diz Santa Teresa que todo aquele que arrasta sua cruz com má vontade, sente-lhe o peso, por menor que seja; quem, porém, a abraça com boa vontade, não a sente, ainda que seja muito pesada.

O mesmo Tomás de Kempis nos convida a refletir: “Qual dos santos viveu sem a cruz? E que santo foi admitido no Céu sem a insígnia da cruz? Jesus, inocente, santo, filho de Deus, quis padecer durante sua vida inteira e nós andamos atrás de prazeres e consolações? Para dar-nos um exemplo de paciência, quis eleger uma vida cheia de ignomínias e dores internas e externas. Como poderemos pensar em amar Jesus Cristo, se não queremos padecer por amor dele, que tanto padeceu por nós? Como poderá gloriar-se de ser discípulo do crucificado quem recusa ou recebe de má vontade os frutos da cruz, que são os sofrimentos, os desprezos, as enfermidades e todas as coisas contrárias ao nosso amor próprio?”

CONCLUSÃO

Que esta meditação do Terceiro Mistério Doloroso nos faça, então, compreender e aceitar o papel do sofrimento em nossa caminhada rumo ao Céu. E nos leve, a partir de agora, a abraçar com maior paciência e maior amor a Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, sempre que ela se nos apresentar em nossa existência terrena. E que, assim, possamos amenizar um pouco as dores e penas que causamos a nosso Salvador em sua cruelíssima Paixão.

Voltando-nos à nossa Santa Mãe, Rainha de Fátima, a Ela digamos: “Minha Mãe, aceitai esta meditação em desagravo ao Vosso Sapiencial e Imaculado Coração, pelas ofensas que os algozes, Pilatos, o povo, e todos os pecadores, inclusive cada um de nós, cometemos contra Vós e contra vosso Divino Filho. Derramai sobre nós vossas copiosas bênçãos e alcançai-nos de Cristo abundantes graças para que jamais percamos diante de nossos olhos a imagem de Jesus coroado de espinhos, mostrando-nos o quanto devemos ser humildes e santos, para evitar que nossos defeitos se transformem em novos espinhos a ferirem a sacrossanta cabeça de Nosso Redentor.

“Ó Mãe, alcançai-nos a graça de sermos santos como Vós e como Ele. Para isso Vós rogamos com redobrada confiança:

Salve Rainha...

Referências bibliográficas:

Baseado em:
Santo Afonso Maria de Ligório, *Meditações para todos os dias e festas do ano*, Friburgo, Herder & Cia, 1921 / *A Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo - Piedosas e edificantes meditações sobre os sofrimentos de Jesus*, edição em PDF, Fl. Castro, 2002